

ARTISTA DO SACI URBANO



Figura 1 - Saci Urbano no trem às 14h45

“O Saci é um ser libertário. Mostra essa passagem do meio rural para a urbanidade”.

nº11
nov2012
abril2013

Entrevista

Por Diana Mendes¹, Ana Maria Dietrich²,
Everson José de Souza¹, Jorge Toledo¹, Paula Santos Garcia¹ e Rogério Munhoz¹

Durante a realização do trabalho da disciplina de Identidade e Cultura da Universidade Federal do ABC, ministrada pela Profa. Dra. Ana Maria Dietrich, com o tema É o Saci Urbano, que tem ligação com vertentes de arte urbana, grafite e folclore, realizamos entrevista com o artista por acreditarmos que a identidade e cultura dele refletem diretamente na arte que ele faz. Ele tem uma postura de anonimato, devido também ao ano de eleições e de sua arte ser relacionada a temáticas críticas de cunho social e político. Isso é perceptível ao longo da entrevista e nós, em comum acordo, respeitamos essa postura discreta. Portanto, as respostas são em terceira pessoa, sem citações diretas para que o mesmo não se exponha demais. A entrevista foi realizada na estação ferroviária Prefeito Saladino, no dia 06 de Novembro, às 18h30. O trabalho pode ser visto no blog: <http://atrasdosaciurbano.wordpress.com/>



Figura 2 - Saci Urbano Série: Hora-Ação

¹ Estudantes de graduação do Bacharelado de Ciências e Humanidades da UFABC.

² Doutora em História Social e professora adjunta da UFABC.

Entrevista

Contemporâneos - *Como era sua infância? O que você assistia de desenho?*

Artista Saci Urbano - Nasceu na Bahia, chorava muito, veio para cá com 3 anos. Lembra do seu avô, vivia meio num povoado, não tinha luz. Viver onde não tem desenvolvimento, marca de forma lúdica o ser enquanto criança e fica. Como as lendas e folclores que escutava e permanecem com ele. Veio da Grande São Paulo, migrando pro ABC e região. Transição de SP para Mauá. Fissurado no Jaspion, pedia para a mãe comprar figurinhas. Quando tinha 7 anos e morava em Ribeirão Pires, se destacou em um desenho sobre folclore, tinha Saci e Iara. Utilizava lápis de cor e canetinha, enquanto as outras crianças utilizavam colagem e guache. Ganhou pela originalidade, o desenho vinha da cabeça dele, da cabeça dele direto pro papel. Ganhou uma bicicleta, desenhava muito, principalmente o Jaspion.

Contemporâneos - *Como você começou a gostar de grafitti?*

Artista do Saci Urbano - Era muito motivado a desenhar, desde pequeno. Diz que tem uma militância no grafitti, estuda e dá oficina disso. Ele vê o grafitti como protesto. Não tem o grafitti como referência do hip hop, aqueles escritos. Tem o grafitti como manifestação popular. Usar o muro como meio de comunicação com o mundo. Como desenhava muito, sempre se interessou por isso. Seu primeiro grafitti foi no muro da casa de um policial, filho do policial estava no meio da turma, foi autorizado.



Figura 3 - Saci Urbano – Série: Aqui Jaz

№11
nov 2012
abril 2013

Entrevista

Contemporâneos - *Pra você como é essa questão de intervenção urbana? O que o grafitti significa pra você, o que ele trouxe pra sua vida?*

Artista do Saci Urbano - O grafitti que defende é você se apropriar do meio com algum fim, alguma expressão. A gente paga imposto, tem o direito de intervir no patrimônio público expressando algo.

Contemporâneos - *Como você teve essa ideia de intervenção urbana usando uma figura do folclore?*

Artista do Saci Urbano - Começou a estudar, pesquisar sobre o folclore do Saci Pererê. Tinha um livro do Monteiro Lobato (de infância). Em 2008 começou com a arte do Saci Urbano. Só em 2009, testemunhou e postou imagens. Havia a vontade de fazer algo dele, se expressar sobre essa questão da simplicidade na cidade, esse sentimento de interior no meio urbano.



Figura 4 - Saci Urbano – Série: Anti-herói



Figura 5 - Saci Urbano – Série: Natal.

№11
nov 2012
abril 2013

Entrevista

Contemporâneos - Como você insere seus temas nas críticas? Como escolhe o que criticar?

Artista do Saci Urbano - Quando escolhe alguma crítica ou porque fazer determinado tema, diz que tem uma sensibilidade na comunicação social, pois se formou em comunicação. A escolha dos temas, ele deixa ser o mais espontâneo possível. Ele espera para ver onde a personagem vai aparecer. Ele passa pelos lugares e em alguns identifica um bom meio para fazer a arte. Fica essa coisa meio lúdica mesmo, ele olha o local e imagina o Saci ali, marca o lugar e quando volta, tem a ideia e faz a arte.

Contemporâneos - Analisando o blog do Saci Urbano, vemos diversas séries de grafite, você estipula essa separação ou é natural o surgimento dos temas?

Artista do Saci Urbano - Como a escolha é bem espontânea, essa separação não é proposital. Dependendo do tema, com uma intervenção só, não há como ter a comunicação. É sempre espontâneo, por isso faz diversos deles.



Figura 6 - Série: Eu prometo – trabalho de campo no Viaduto Angelo Gaiarsa – Santo André

№11
nov 2012
abril 2013

Entrevista



Figura 7 - Série: Eu prometo – trabalho de campo no Viaduto Angelo Gaiarsa em Santo André.



Figura 8 - Saci Urbano – Série: Eu prometo – Rua Piratininga – São Caetano do Sul.

no 11
nov 2012
abril 2013

Entrevista



Figura 9 - Série: Eu prometo – trabalho de campo – Rua Piratininga em São Caetano do Sul.

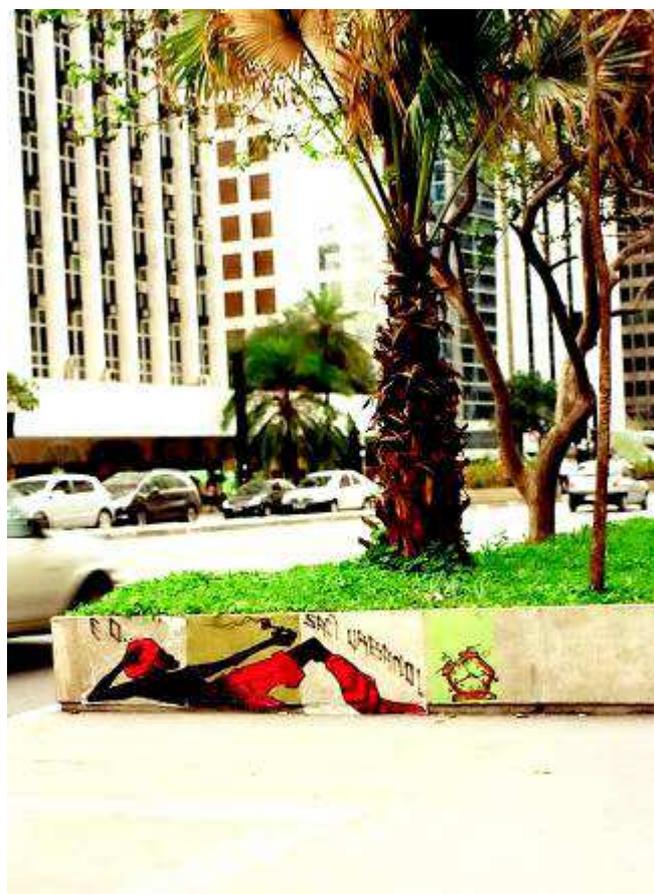


Figura 10 - Saci Urbano no centro

nº11
nov 2012
abril 2013

Entrevista

Contemporâneos - *Durante a pesquisa, encontramos um vídeo seu, e você fala sobre a repercussão do Saci Urbano, e sobre o seu anonimato e a questão de se identificar e assinar os grafittes, como você encarava isso antes e como encara agora?*

Artista do Saci Urbano - Ele não sabia que caminho ia levar. Tem também a questão profissional, ao procurar emprego e as pessoas vincularem grafitti a um ato ilegal. Ele comenta sobre os vídeos, em um deles, diz que hoje em dia, com celular com câmera, as pessoas aparecem e começam a gravar, mesmo sem pedir, no impulso mesmo. O projeto do Saci Urbano sempre foi um projeto que ele foi levando paralelamente, mas de tanto fazer, certas vezes esquece que faz. Quer evitar problemas com autoridades, civis ou até mesmo simpatizantes, que por gostar da arte dele, acabam atrapalhando e não deixando que termine a arte rápido. Por mais que a intenção dele seja a arte, a intervenção é ilegal devido às nossas atuais leis. Sobre o vídeo que encontramos, foi um momento de crise, em que ele se encontrava sem trabalho, sem dinheiro. E o jornalista da TV Uol o convenceu que a melhor forma de registrar o trabalho dele, já que não dá para regulamentar dentro dos padrões normais, por ser uma intervenção urbana, era registrar utilizando um meio de comunicação. Ele aceitou e esse vídeo é uma marca até hoje. É contraditório, mas ele tenta manter o anonimato o máximo que pode, ele foi eliminando aos poucos os meios que pudessem o expor demais.



Figura 11 - Saci Urbano – Série: Ciclovia.



Figura 12 - Saci Urbano – Série: Saci anti-herói

№11
nov 2012
abril 2013

Entrevista

Contemporâneos - O que o Saci representa pra você? Qual a visão da lenda dele, você acabou pesquisando mais sobre esse mito depois das suas intervenções?

Artista do Saci Urbano - Para ele, o Saci é um ser libertário. Mostra essa passagem do meio rural para a "urbanidade". O Saci Urbano é um filho. É um cuidado que só ele como pai pode ter para com a arte. Nasceu de dentro dele, dentro das ideias dele.

Contemporâneos - O que você acha que sua arte causa nas pessoas?

Artista do Saci Urbano - Ele acredita que as pessoas, em sua maioria, admiram a arte dele, a iniciativa dele ter começado esse projeto. Mas há uma observação, muitas que são próximas, ou até que não o conhecem, falam da possibilidade dele expor fora do país, criar uma marca do Saci Urbano, vender camisetas e isso o frustra, pelas pessoas não entenderem seu ideal, pois o Saci não se vende, não se "precifica". Seria como perder a coisa pura do Saci, moleque, solto e livre.



Figura 13 - Saci Urbano – Série: Saci pela cidade.

Contemporâneos - Como vê o cenário da cultura? E a cultura popular?

Artista do Saci Urbano - Ele diz que pesquisa folclore e cultura popular. Acha que ela está se perdendo em dois pontos:

- 1) Manutenção: ninguém utiliza mais, não há zelo, preocupação;
- 2) Documentação: como se documenta isso?

№11
nov 2012
abril 2013

Entrevista

Cultura popular: povo tinha que se virar pra ser feliz. É uma cultura vinculada aos povos mais pobres, escravos. A cultura tinha o papel de cultura e de resistência também. Muitas manifestações culturais são editadas em cima do capital, para que tenham uma imagem boa e elas possam ser vendidas. Cita a música de Itamar Assumpção "Vá cuidar da sua vida", que fala sobre a questão da capoeira ser maldita e depois os brancos se apropriarem dela também. Frevo era uma maneira de brigar também, e isso é ocultado. Tudo vira festa e alegria. O povo mesmo não tem motivo para isso ainda, com tantos problemas e desigualdades acontecendo. Cada um tinha sua manifestação cultural. Era como uma manutenção cultural mesmo, separada, frevo de uma maneira, capoeira de outra, candomblé de outra. Hoje, junta-se tudo. As pessoas não tem mais identidade. Tudo vira cultura de massa. Junta-se num caldeirão e sirva-se. Dez reais e ganhe sua porção de cultura.



Figura 14 - Saci Urbano – Série: Saci pela cidade.

no 11
nov 2012
abril 2013

Recebido em setembro de 2012.

Aprovado em novembro de 2012.

Arte: Nizea Coelho.